

EMBRIÕES QUE ORIGINAM O DESENVOLVIMENTO

Chico Nunes

Por que determinados territórios, mesmo próximos, distanciam-se uns dos outros, em termos de desenvolvimento? O que dá origem a estas diferenças? São perguntas que ecoam em determinados debates e também motivam estudiosos a se aprofundarem nestas investigações, para fundamentarem teorias e metodologias voltadas para correção de desigualdades regionais, quaisquer que sejam suas nomenclaturas.

Respondendo objetivamente, podíamos dizer que estas diferenças são motivadas por “atitudes”. Não há uma receita padrão que se aplique igualmente a todas as realidades para justificar porque o desenvolvimento ocorreu de forma exemplar. Existem metodologias das mais eficazes, que servem como ferramentas de planejamento e gestão para nortearem formulações rumo ao progresso desejado, mas quando nos debruçamos sobre estas experiências, percebemos que os resultados revelam particularidades que só se aplicam àquele território.

Diante destas comprovações, o que poderíamos destacar como algo que se faz comum a todos estes “cases” de sucesso é o fato de que os **embriões** são sempre gerados por competentes **projetos** que expressam uma combinação de fatores onde recursos, conhecimentos, estratégias e desejos de mudanças, ganham forma e conseguem apaixonar seus autores e atores para transformarem determinadas realidades.

Fazendo uma retrospectiva da nossa história econômica, faço uma parada no período entre 1956 e 1960, quando uma equipe de notáveis pensadores que integravam a CEPAL – Comissão Econômica para a América Latina e o BNDE – Banco Nacional do Desenvolvimento, destacando dentre eles o grande paraibano e economista Celso Furtado, propôs e ajudou a executar no governo do então Presidente Juscelino Kubitschek, um Plano de Metas com o lema “cinquenta anos em cinco”.

Algo que nos chama atenção em relação a este Projeto para o Brasil, foi a quantidade de setores priorizados para alavancarem o desenvolvimento do nosso país. Considerando as necessidades e potencialidades mais destacadas à época, foram criteriosamente escolhidos apenas cinco setores, a saber: energia, transporte, indústria, educação e alimentação. Juntos, traziam consigo a responsabilidade de colocar o Brasil em um novo patamar no ranking das economias industrializadas, com ênfase para uma agropecuária mais mecanizada e competitiva.

Para especificar feitos deste Plano, destaco algumas conquistas começando pelo setor energético com a expansão de hidrelétrica de Paulo Afonso, no rio São Francisco e o início das obras de Furnas e Três Marias, em Minas Gerais, dentre outros investimentos neste segmento. Com uma maior geração de energia para estruturação de parques industriais, passamos a produzir, com tecnologia nacional, máquinas para mecanização agrícola. Foram instaladas fábricas da Volkswagen, Mercedes Benz, Willis Overland e General Motors. Foi criada a SUDENE – Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste. Tivemos a construção de Brasília. Outras conquistas e desdobramentos deste Plano podem ser conhecidas numa vasta literatura que existe a respeito.

Numa dimensão de menor extensão territorial, conheço outras experiências de desenvolvimento regional que se consagraram exitosas começando com um número ainda menor de projetos. Há pouco dias, trouxe aqui nesta coluna um relato sobre o “Pacto Novo Cariri”, aqui na Paraíba, que começou com apenas um projeto no segmento da caprinocultura leiteira, mas que depois celebrou a sua reprodução, alcançando outros campos e impactando positivamente o desenvolvimento daquela região.

Em nível municipal, são muitas as conquistas que servem de referências quando buscamos os caminhos que levam ao desenvolvimento. Podemos encontrar verdadeiros “cases” a exemplo dos municípios de Maringá, no Paraná, e Três Rios, no Rio de Janeiro.

O que existe em comum entre estas realidades que acabo de mencionar? Todas elas nasceram de ***embriões chamados projetos***. Nenhuma destas conquistas aconteceram por acaso e nem foram frutos de amadorismos em termos de gestão. Todas elas foram criteriosamente planejadas.

Um outro destaque que faço, refere-se ao dimensionamento destes projetos. Algumas iniciativas se afogam em equívocos por quererem promover desenvolvimento a partir da abrangência de um elevado número de atividades para as quais não possuem os fatores combinados que mencionei no início deste artigo.

Os exemplos falam mais alto e a recomendação que faço é no sentido de que, ao planejarem, mantenham o foco na elaboração de projetos que tenham capacidade de reprodução, ou seja, que originem o nascimento de outras atividades produtivas e remuneradas, porque neste contexto eles são os ***EMBRIÕES DO DESENVOLVIMENTO***.